

Sofia Lundberg

A CADERNETA DE
ENDEREÇOS VERMELHA

Tradução: Claudio Carina

GLOBALIVROS

*Para Doris, o anjo mais lindo do céu.
Você me deu ar para respirar e asas para voar.*

E para Oskar, meu tesouro mais precioso.

O SALEIRO. O ESTOJO DE PÍLULAS. O recipiente de pastilhas expectorantes. O monitor de pressão arterial na caixa de plástico oval. A lupa atada a uma fita de lã vermelha tirada de uma cortina de Natal, entremeada com três grandes nós. O telefone com números extragrandes. A velha caderneta de endereços de couro vermelho, as bordas empenadas mostrando as páginas amareladas. Tudo organizado com muito cuidado no centro da mesa da cozinha. Precisam estar alinhados do jeito certo. Nenhuma ruga na toalha de mesa de linho azul-claro muito bem passada.

Um momento de calma quando ela olha para a rua e para o clima terrível. Pessoas passando depressa, com e sem guarda-chuvas. As árvores desfolhadas. Restos de lama empedrada no asfalto, a água escoando pelas ranhuras.

Um esquilo corre por um galho, e um lampejo de felicidade brilha nos olhos dela, que se inclina para a frente, seguindo atentamente os movimentos da pequena criatura felpuda. A

cauda peluda balança de um lado para outro enquanto ele saltita entre os galhos. Logo depois o esquilo pula para a estrada e desaparece rapidamente, em busca de novas aventuras.

Deve ser quase hora de comer, pensa, passando a mão na barriga. Pega a lupa e com as mãos trêmulas consulta o relógio de pulso de ouro. Os números ainda são muito pequenos, e ela não tem escolha a não ser desistir. Cruza calmamente as mãos sobre o colo e fecha os olhos por um momento, esperando o som conhecido da porta da frente.

— Você cochilou, Doris?

Uma voz excessivamente alta a acorda de maneira brusca. Ela sente a mão de alguém em seu ombro e tenta sorrir, ainda sonolenta, para a jovem cuidadora debruçada sobre ela.

— Acho que sim. — As palavras colam na boca, ela limpa a garganta.

— Aqui, tome um pouco d'água. — A cuidadora estende logo um copo e Doris bebe alguns goles.

— Obrigada... Desculpe, mas esqueci seu nome. — Mais uma vez é uma garota nova. A antiga foi embora; para retomar os estudos.

— Sou eu, Doris. Ulrika. Como está se sentindo hoje? — pergunta, mas não espera para ouvir a resposta.

Doris também não responde.

Observa com atenção os movimentos de Ulrika na cozinha. Vê quando ela tira a pimenta e guarda o saleiro de volta na despensa. No trajeto, deixa dobras na toalha de mesa.

— Você não pode abusar do sal, eu já falei — diz Ulrika, com a bandeja de comida na mão. Lança um olhar severo a Doris, que aquiesce e dá um suspiro enquanto Ulrika abre a embalagem de plástico. O molho, as batatas, o peixe e as ervilhas, tudo misturado, são despejados num prato de cerâmica marrom. Ulrika põe o prato no forno de micro-ondas e ajusta o tempo para dois minutos. A máquina inicia com um zumbido baixo, e o cheiro de peixe começa a pairar pelo apartamento. Enquanto espera, Ulrika começa a mexer nas coisas de Doris: nas pilhas de jornais e na correspondência bagunçada, retira os pratos da máquina de lavar louça.

— Está frio lá fora? — Doris olha para a garoa forte. Não se lembra mais de quando foi a última vez que pôs os pés fora de casa. Era verão. Ou talvez primavera.

— Sim, muito, o inverno vai começar logo. As gotas de chuva já estão parecendo pedaços de gelo. Ainda bem que vim de carro e não vou precisar andar. Encontrei uma vaga bem em frente à sua porta. É muito mais fácil estacionar nos bairros mais afastados, como lá onde eu moro. No centro é quase impossível, mas às vezes a gente dá sorte. — As palavras fluem dos lábios de Ulrika, mas logo sua voz se torna um murmúrio melódico. Uma música pop; Doris a reconhece do rádio. Ulrika se afasta. Espana o quarto. Doris ouve seus movimentos

e espera que ela não derrube o vaso, aquele pintado à mão de que tanto gosta.

Quando Ulrika volta, traz um vestido dobrado num braço. É cor de vinho, de lã, aquele com mangas largas e com um fio solto da bainha. Doris tentou cortar o fio da última vez que usou o vestido, mas a dor nas costas não deixou que ela alcançasse os joelhos. Levanta uma das mãos para pegá-lo, mas não encontra nada, pois Ulrika se vira de repente e pendura o vestido numa cadeira. A cuidadora volta e começa a tirar a camisola de Doris. Liberta seus braços com delicadeza e Doris solta um gemido contido quando suas costas transmitem uma onda de dor para os ombros. Sempre presente, dia e noite. Um lembrete de sua idade.

— Agora você precisa se levantar. Vou contar até três, certo? Ulrika coloca um dos braços ao redor dela, ajudando-a se levantar, e puxa a camisola. Doris fica ali de pé, na cozinha, na luz fria do dia, só com as roupas de baixo, que também precisam ser trocadas. Cobre-se com um braço quando o sutiã é aberto. Os seios caem flácidos sobre o estômago.

— Ah, coitadinha, você está gelada! Venha, vamos para o banheiro.

Ulrika a segura pela mão e Doris a segue com passos hesitantes e cautelosos. Sente os seios balançarem, segura um deles com um dos braços. O banheiro está mais quente, graças ao aquecimento sob o piso, e ela tira os chinelos e sente com prazer o calor na sola dos pés.

— Certo, vamos pôr esse vestido em você. Levante os braços.

Ela faz o que é pedido, mas só consegue erguer os braços até a altura do peito. Ulrika luta com o tecido e consegue enfiar o vestido pela cabeça de Doris. Quando Doris olha para ela, Ulrika sorri.

— Veja só! Que cor bonita, cai bem em você. Quer um pouco de batom também? Talvez um pouco de blush nas bochechas?

A maquiagem está sobre uma mesinha perto da pia. Ulrika pega o batom, mas Doris balança a cabeça e se vira para o outro lado.

— Quanto tempo vai demorar a comida? — pergunta no caminho para a cozinha.

— A comida! Ah! Como eu sou idiota, esqueci completamente. Vou ter que esquentar de novo.

Ulrika corre até o micro-ondas, abre a porta e a fecha de novo, ajusta o tempo para um minuto e aperta o botão. Despeja um pouco de suco de amora num copo e coloca o prato na mesa. Doris torce o nariz quando olha para a gororoba, mas a fome a faz erguer o garfo até a boca.

Ulrika senta-se à sua frente, segurando uma xícara. Aquela pintada à mão, com as rosas vermelhas. A que Doris nunca usa, com medo de quebrar.

— Café. É ouro líquido, é mesmo — comenta Ulrika. — Não é?

Doris assente, os olhos fixos na xícara.

Não derrube.

— Está satisfeita? — pergunta Ulrika depois de um período de silêncio entre as duas. Doris concorda com a cabeça e Ulrika se levanta para retirar o prato. Volta com um café bem quente em outra xícara. Uma xícara azul-marinho, da Höganäs.

— Pronto. Agora podemos recuperar o fôlego por um momento, certo?

Ulrika sorri e volta a se sentar.

— Esse tempo só faz chover, chover, chover. Parece que nunca vai parar.

Doris quase esboça uma resposta, mas Ulrika continua:

— Será que eu devia mandar mais um par de meias para a creche? Provavelmente as crianças vão ficar encharcadas hoje. Ah, bem, eles podem pegar algumas emprestadas. Senão vou encontrar um garoto amuado e sem meias. Sempre essa preocupação com os filhos. Mas imagino que você saiba o que é isso. Quantos filhos você tem?

Doris balança a cabeça.

— Ah, não tem filhos? Coitadinha, então você nunca recebe visitas? Já foi casada?

A indiscrição da cuidadora deixa Doris surpresa. Em geral essas meninas não fazem esse tipo de pergunta, ao menos não tão diretamente.

— Mas você deve ter amigos. Alguém que venha aqui de vez em quando? Isto aqui parece bem grosso. — Aponta para a caderneta de endereços em cima da mesa.

Doris não responde. Olha para a foto de Jenny. Fica no corredor, mas a cuidadora nunca reparou nela. Jenny, que está tão longe e ainda assim sempre perto em seus pensamentos.

— Bom — continua Ulrika —, eu preciso ir embora. Podemos conversar da próxima vez.

Ulrika põe as xícaras na máquina de lavar louças, inclusive a pintada à mão. Aperta o botão de ligar, dá uma última limpada na bancada com um pano e, antes que Doris perceba, já está saindo. Pela janela, ela vê Ulrika se afastando e vestindo o casaco, e em seguida entrando num pequeno automóvel vermelho com o logotipo da agência na porta. Arrastando os pés, Doris vai até a máquina e interrompe a lavagem. Retira a xícara pintada à mão, que enxágua com cuidado e esconde no fundo do armário, atrás dos grandes potes de sobremesa. Verifica por todos os ângulos. Não está mais visível. Satisfeita, volta a se sentar à mesa da cozinha e alisa a toalha com as mãos. Organiza tudo com muito cuidado. O estojo de pílulas, as pastilhas, a caixa de plástico, a lupa e o telefone voltam aos seus devidos lugares. Quando vai pegar a caderneta de endereços, sua mão encosta na capa e ela a deixa ali, parada. Faz muito tempo que não abre aquele caderninho, mas agora levanta a capa e vê uma lista de nomes na primeira página. A maioria já foi riscada. A margem tem várias anotações feitas por ela. Uma palavra. *Morto*.

A caderneta de endereços vermelha

A. ALM, ERIC

TANTOS NOMES PASSAM POR NÓS ao longo da vida. Já pensou nisso, Jenny? Todos os nomes que vêm e voltam. Isso nos corta o coração e nos faz verter lágrimas. Tornam-se amores ou inimigos. Às vezes eu folheio a minha caderneta de endereços. Tornou-se um mapa da minha vida, e gostaria de falar um pouco com você a respeito. Para que você, que vai ser a única a se lembrar de mim, também se lembre da minha vida. Uma espécie de testamento. Vou dar as minhas memórias a você. Elas são a coisa mais bonita que eu tenho.

O ano era 1928. Dia do meu aniversário, eu estava completando dez anos. No momento em que vi o pacote, sabia que continha algo especial. Dava para perceber pelo brilho nos olhos do meu pai. Aqueles olhos escuros, em geral tão preocupados, esperavam ansiosos pela minha reação. O presente estava embrulhado num papel fino e bonito. Acompanhei a textura com a ponta dos dedos. A superfície suave, as fibras se juntando em desenhos desordenados. E também a fita: uma fita grossa de seda vermelha. Era o pacote mais bonito que eu já tinha visto.

— Abre logo, abre! — Agnes, minha irmã de dois anos, ansiosa, apoiada com os dois braços na toalha da mesa de

jantar, recebeu uma pequena repreensão da nossa mãe.

— É, abra logo! — Até meu pai parecia impaciente.

Passei o polegar na fita antes de puxar as duas pontas e desatar o nó. Dentro havia uma caderneta de endereços, com uma capa vermelha brilhante, com um cheiro forte de verniz.

— Você pode reunir todos os seus amigos nela. — Papai sorriu. — Todo mundo que você conhecer na sua vida. Em todos os lugares bonitos que vai visitar. Para não se esquecer.

Ele pegou o caderninho da minha mão e o abriu. Embaixo do A, ele já tinha escrito o próprio nome. *Eric Alm*. Mais o endereço e o número do telefone da sua oficina. O número que havia sido ativado recentemente, de que ele tanto se orgulhava. Nós ainda não tínhamos telefone em casa.

Ele era um homem grande, meu pai. Não digo fisicamente. De jeito nenhum. Mas nunca havia espaço suficiente para os seus pensamentos em casa. Parecia estar sempre flutuando por um mundo maior, por lugares desconhecidos. Muitas vezes eu tinha a sensação de que na verdade ele não queria estar em casa conosco. Não apreciava as coisas pequenas da vida cotidiana. Era sedento por conhecimento, enchia a casa de livros. Não me lembro de ele falar muito, nem com a minha mãe. Vivia no meio dos seus livros. Às vezes eu subia no colo dele na poltrona. Ele nunca reclamava, mas me afastava para o lado, para me tirar da frente das cartas e das imagens que despertavam o seu interesse. Meu pai tinha um cheiro doce, como de madeira, e o cabelo estava sempre coberto por uma camada fina de serragem, que o fazia parecer cinzento. As

mãos eram ásperas e ressecadas. Todas as noites ele passava vaselina nas mãos e dormia com luvas finas de algodão.

Minhas mãos. Eu as enlaçava no pescoço dele num abraço delicado. Ficávamos ali no nosso pequeno mundo. Eu acompanhava sua jornada mental enquanto ele virava as páginas. Ele lia sobre diferentes países e diferentes culturas, espetava alfinetes num grande mapa do mundo que havia pregado na parede. Como se fossem lugares que tivesse visitado. Um dia, falou, um dia ele sairia pelo mundo. Depois acrescentava números aos alfinetes. Um, dois, três. Organizando as várias localidades, priorizando-as. Será que ele tinha vocação para uma vida como explorador?

Talvez, não fosse a oficina do pai dele. Uma herança para cuidar. Um dever a cumprir. Todas as manhãs ele ia à oficina, mesmo depois de Farfar ter morrido, para ficar naquele lugar escuro com um aprendiz e pilhas de tábuas encostadas nas paredes, envolto no cheiro acre de terebintina e óleos minerais. Eu e minha irmã só podíamos olhar da porta. Do lado de fora, as rosas subiam pelas paredes escuras de madeira marrom. Quando caíam no chão, nós e as crianças vizinhas recolhíamos as pétalas e as colocávamos em cuias de água, fazendo o nosso perfume para borrifar no pescoço.

Lembro-me de pilhas de mesas e cadeiras ainda não terminadas, serragem e lascas de madeira por toda parte. De ferramentas em ganchos na parede: talhadeiras, serrotes, facas de carpinteiro, martelos. Cada coisa tinha seu lugar. E de onde ficava, atrás da bancada de carpinteiro, com um lápis atrás da

orelha e um avental grosso e surrado de couro marrom, meu pai tinha uma visão de tudo aquilo. Ele sempre trabalhava até escurecer, fosse verão ou inverno. Depois voltava para casa. Para a sua poltrona.

Papai. Sua alma ainda está aqui, dentro de mim, ao meu lado. Embaixo da pilha de jornais na cadeira que ele construiu, com o assento de junco que minha mãe teceu. Tudo que ele queria era se aventurar pelo mundo. E tudo que fez foi deixar sua marca entre as quatro paredes da casa onde morava. As estatuetas bem trabalhadas, a cadeira de balanço que fez para mamãe, com seus elegantes detalhes ornamentais. As decorações de madeira que laboriosamente esculpia à mão. A estante em que ainda estão alguns de seus livros. Meu pai.

ATÉ OS MENORES MOVIMENTOS exigem um esforço físico e mental. Doris avança as pernas alguns milímetros adiante e para. Apoia as mãos nos braços da poltrona. Um de cada vez. Pausa. Firma os calcanhares. Segura o braço da poltrona com uma das mãos e põe a outra na mesa de jantar. Balança o corpo para a frente e para trás para conseguir algum impulso. A cadeira tem um encosto alto e macio, com as pernas apoiadas em calços de plástico a alguns centímetros do chão. Mesmo assim, Doris demora muito tempo para ficar de pé. Na terceira tentativa, ela consegue. Depois disso, precisa ficar imóvel por mais um ou dois segundos, com a cabeça baixa e as duas mãos na mesa, esperando a tontura passar.

Seu exercício diário. A caminhada pelo pequeno apartamento. Da cozinha para o corredor, ao redor do sofá da sala de estar, detendo-se para pegar eventuais folhas secas da begônia vermelha na janela. Depois para o quarto, então até o seu canto de escrever. Para o laptop, que se tornou muito

importante para ela. Senta-se com cuidado, em outra cadeira com calços de plástico, que a deixam tão alta que ela mal consegue enfiar as pernas embaixo da mesa. Abre a tampa do laptop e ouve o zumbido baixo e familiar do HD despertando. Clica no ícone do Internet Explorer na área de trabalho e é saudada pela versão on-line do seu jornal. A cada dia fica admirada com o fato de o mundo inteiro existir dentro desse minúsculo computador. De uma mulher sozinha em Estocolmo, como ela, poder manter contato com gente do mundo todo, se quiser. A tecnologia preenche seus dias. Torna a espera pela morte um pouco mais suportável. Ela se senta ali todas as tardes, às vezes logo de manhã ou tarde da noite, quando o sono se recusa a cooperar. Foi sua última cuidadora, Maria, quem lhe ensinou como tudo funcionava. Skype. Facebook. E-mail. Maria dizia que ninguém era velho demais para aprender coisas novas. Doris concordou, dizendo que ninguém era velho demais para realizar seus sonhos. Pouco depois disso, Maria deu a notícia de que retomaria os estudos.

Ulrika não parece tão interessada. Nunca falou sobre o computador ou perguntou o que Doris anda fazendo. Apenas tira a poeira dos cômodos de passagem, ticando as tarefas de sua lista de afazeres. Será que ela está no Facebook? Parece que quase todo mundo está. Até Doris tem uma conta, que Maria abriu para ela. Também tem três amigos. Maria é um deles. Os outros são Jenny, sua sobrinha-neta de São Francisco, e o filho mais velho de Jenny, Jack. Doris verifica a vida deles de vez em quando, acompanhando imagens e

eventos de um outro mundo. Às vezes até verifica a vida dos amigos deles. Os que têm um perfil público.

Os dedos dela ainda funcionam. Estão mais lentos do que costumavam ser, e às vezes começam a doer, obrigando-a a descansar. Doris escreve para organizar suas lembranças. Para ter uma visão geral da vida que viveu. Espera que seja Jenny a encontrar tudo depois, quando estiver morta. Que seja Jenny a ler e a sorrir das imagens. A herdar todas as suas coisas bonitas: os móveis, os quadros, a xícara pintada à mão. Eles não vão jogar tudo isso fora, vão? Estremece com o pensamento, põe os dedos no teclado e começa a escrever, para ordenar seus pensamentos. *Do lado de fora, as rosas subiam pelas paredes escuras de madeira marrom,* escreve hoje. Uma sentença. Logo em seguida uma sensação de calma a faz navegar por um mar de lembranças.

A caderneta de endereços vermelha

A. ~~ALM, ERIC~~ MORTO

Alguma vez você já ouviu um verdadeiro gemido de desespero, Jenny? Um grito nascido do desespero? Um grito do fundo do coração, que penetra até o último átomo, não deixando nada intocado? Eu já ouvi vários, mas todos me lembraram do primeiro, e o mais terrível.

O grito veio do quintal. Ele estava lá. Papai. O grito ecoou pelas paredes de pedra e o sangue lhe escorria da mão, manchando de vermelho a camada de gelo que cobria a grama. Houve um acidente na oficina, ele estava com um pedaço de metal cravado no pulso. O grito esmaeceu e papai caiu no chão. Descemos os degraus até o quintal, em sua direção; éramos muitos. Mamãe lhe envolveu o pulso com o avental e segurou seu braço no alto. O grito dela foi tão alto quanto o dele ao pedir socorro. O rosto do meu pai estava muito pálido, os lábios adquiriram um tom roxo e azulado. Tudo que aconteceu depois é uma névoa. Os homens que o levaram para a rua. O carro se afastando depois de ele ter entrado. A rosa branca seca e solitária crescendo do arbusto perto do muro, recoberta pelo gelo. Quando todos saíram, eu fiquei onde estava, no quintal, olhando para ela. Aquela rosa era uma sobrevivente. Rezei a Deus para que papai encontrasse a mesma força.

Seguiram-se semanas de uma espera ansiosa. Todos os dias nós víamos mamãe embrulhar as sobras do café da manhã — mingau, leite e pão — e sair para o hospital. Geralmente voltava para casa com o embrulho de comida intocado.

Um dia ela chegou em casa com as roupas do meu pai dobradas num cesto, ainda cheias de sangue. Os olhos inchados e vermelhos de chorar. Tão vermelhos quanto o sangue envenenado de papai.

Tudo parou. A vida chegou a um fim. Não só para meu pai, mas para todos nós. Aquele grito desesperado naquela manhã gelada de novembro foi um fim brutal para minha infância.

A caderneta de endereços vermelha

S. SERAFIN, DOMINIQUE

AS LÁGRIMAS À NOITE NÃO ERAM MINHAS, mas eram tão constantes que às vezes eu acordava e achava que eram. Mamãe passou a ficar sentada na cadeira de balanço na cozinha assim que eu e Agnes íamos dormir, e eu me acostumei a adormecer com o acompanhamento dos seus soluços. Ela costurava e chorava; o som chegava em ondas, pelo quarto, pelo teto, para nós, as crianças. Ela achava que estávamos dormindo. Não estávamos. Eu a ouvia fungando e soluçando, tentando limpar o nariz. Sentia seu desespero por ter sido deixada sozinha, sem poder mais viver em segurança sob a sombra do nosso pai.

Eu também sentia falta dele. Nunca mais ele se sentaria em sua poltrona, profundamente absorto em algum livro. Nunca mais eu subiria em seu colo para segui-lo pelo mundo. Os únicos abraços de que me lembro da minha infância são os que meu pai me dava.

Foram meses difíceis. O mingau que comíamos no café da manhã e no jantar foi ficando cada vez mais aguado. As frutinhas que colhíamos no bosque e deixávamos para secar começaram a minguar. Um dia minha mãe matou um pombo com a espingarda de papai. Foi o suficiente para um ensopado, e a primeira vez desde a morte dele que nos sentimos satisfeitos, a primeira vez que a comida fez nossas bochechas

corarem, a primeira vez que demos risada. Mas aquela risada logo pereceria.

— Você é a mais velha, agora vai ter que se cuidar sozinha — disse minha mãe, colocando um pedaço de papel na minha mão. Eu vi as lágrimas escorrendo de seus olhos verdes antes de ela se virar e, com um pano molhado, começar a esfregar freneticamente os pratos em que tínhamos acabado de comer. A cozinha em que costumávamos ficar naquela época, tanto tempo atrás, tornou-se para mim uma espécie de museu de lembranças da infância. Lembro-me de tudo em detalhes. A saia que ela estava costurando, a azul, pendurada num banquinho. O cozido de batatas e a espuma transbordando e secando na parte exterior do caldeirão. A vela solitária que banhava a sala com uma luz mortiça. Os movimentos da minha mãe entre a pia e a mesa. Seu vestido, que entrava no meio das pernas quando ela andava.

— O que quer dizer? — consegui perguntar.

Ela fez uma pausa, mas não se virou para olhar para mim.

Continuei:

— Você está me mandando embora?

Sem resposta.

— Diga alguma coisa! Você está me mandando embora?

Ela baixou o olhar para a pia.

— Você já está crescida, Doris. Precisa entender. Eu encontrei um bom trabalho para você. E, como pode ver, o endereço não fica muito longe. Nós vamos continuar nos vendo.

— Mas e a escola?

Mamãe olhou para cima e depois direto para a frente.

— Papai nunca deixaria você me tirar da escola. Não agora! Eu ainda não estou pronta! — gritei.

Agnes choramingava, ansiosa. Afundei-me na cadeira e irrompi em lágrimas. Mamãe veio se sentar perto de mim e pôs a palma da mão na minha testa. Ainda estava fria e molhada da água dos pratos.

— Não chore, meu amor, por favor — murmurou, encostando a cabeça na minha. O silêncio era tanto que eu quase conseguia ouvir as lágrimas pesadas rolando pelo seu rosto, misturando-se com as minhas.

— Você pode vir para casa todos os domingos, é o seu dia de folga.

Suas palavras de consolo se tornaram um sussurro aos meus ouvidos. Acabei adormecendo em seus braços.

Acordei na manhã seguinte diante da brutal e inegável verdade de estar sendo obrigada a sair da minha casa e da minha segurança rumo a um endereço desconhecido. Sem protestar, peguei a sacola de roupas que mamãe me entregou, mas não consegui olhar nos olhos dela quando nos despedimos. Abracei minha irmãzinha e saí sem dizer uma palavra. Levava a sacola numa das mãos e três livros do papai na outra, amarrados com um cordão grosso. Havia um nome no pedaço de papel no bolso do meu casaco, escrito na enfeitada caligrafia da mamãe: *Dominique Serafin*. Seguido por algumas instruções estritas: *Faça uma reverência. Fale*

educadamente. Perambulei devagar pelas ruas de Södermalm em direção ao endereço abaixo do nome: *Bastugatan 5*. Era onde eu encontraria meu novo lar.

Quando cheguei, fiquei parada por algum tempo na porta de uma construção moderna. Molduras vermelhas ao redor de grandes e lindas janelas. A fachada era de pedra, inclusive com um caminho levando ao quintal. Era bem diferente da casa de madeira desgastada que, até aquele momento, havia sido meu lar.

Uma mulher saiu pela porta. Com sapatos de couro envernizado e um vestido branco e brilhante, sem uma cintura definida. Um chapéu bege cobria suas orelhas, uma pequena bolsa de couro do mesmo tom pendia de seu braço. Envergonhada, passei as mãos pela minha saia de lã surrada na altura dos joelhos. Eu não tinha como saber se Dominique era homem ou mulher; nunca tinha ouvido um nome igual àquele.

Andei devagar, meus pés parando a cada passo na escada de mármore encerado. Dois patamares. As portas duplas, de carvalho escuro, eram mais altas que qualquer porta que eu já tinha visto. Dei um passo à frente e levantei a aldrava, uma cabeça de leão. O som ecoou abafado, e olhei fixamente nos olhos do leão. Uma mulher vestida de preto abriu a porta e eu fiz uma reverência. Comecei a desdobrar o bilhete, mas outra mulher apareceu antes de eu terminar. A mulher de preto se afastou de lado e encostou-se à parede com as costas eretas.

A outra tinha cabelos castanho-avermelhados, que ela usava em duas longas tranças presas num grande coque na

nuca. Ao redor do pescoço pendiam vários colares de pérolas brancas, variando ligeiramente de tamanho e tonalidade. O vestido até a canela, com uma saia xadrez, era de seda verde-esmeralda brilhante, que farfalhava quando ela se movia. Era rica; percebi imediatamente. Olhou para mim de cima a baixo, deu uma tragada no cigarro que fumava numa longa piteira preta e soprou a fumaça em direção ao teto.

— Bem, o que temos aqui? — Tinha um forte sotaque francês, e sua voz era rouca por causa do cigarro. — Que garota bonita. Você pode ficar. Venha, pode entrar.

Com isso, ela se virou e desapareceu no apartamento. Fiquei onde estava, na soleira da porta, com a sacola aos meus pés. A mulher de preto fez sinal para eu acompanhá-la. Levou-me pela cozinha até o quarto das empregadas anexo, onde a cama estreita que eu ocuparia ficava ao lado de outras duas. Deixei minha sacola na cama. Sem ninguém pedir, peguei o vestido que estava na cama e o enfiei pela cabeça. Eu não sabia na época, mas seria a mais nova das três empregadas, a que faria os trabalhos que as outras não queriam fazer.

Sentei-me na beira da cama e fiquei esperando, com os pés cruzados e as mãos entrelaçadas no colo. Ainda consigo me lembrar do sentimento de solidão que me envolveu naquele quartinho; eu não sabia onde estava, nem o que me esperava. As paredes eram lisas e o papel de parede estava amarelado. Havia uma pequena mesa de cabeceira ao lado de cada cama, com uma vela num castiçal. Duas já meio queimadas e uma nova, ainda com parafina no pavio.

Não demorou muito para eu ouvir o som de passos no piso e o farfalhar do vestido da minha nova patroa. Meu coração acelerou. Ela parou na porta, eu não me atrevi a encarar seu olhar.

— Levante-se quando eu entrar no quarto. Já. Costas retas.

Levantei-me, e ela imediatamente estendeu a mão até o meu cabelo. Seus dedos finos e frios me percorreram inteira; esticou o pescoço e chegou mais perto, examinando cada milímetro da minha pele.

— Bonita e limpa. Isso é bom. Você não tem piolhos, tem, garota?

Fiz que não com a cabeça. Ela continuou me examinando, levantando mechas do meu cabelo. Seus dedos apalparam atrás da minha orelha; senti suas unhas compridas roçando minha pele.

— É aqui que eles costumam ficar, atrás da orelha. Eu odeio insetos rastejantes — resmungou, com um arrepio percorrendo seu corpo.

Um raio de sol entrava pela janela, iluminando as penugens finas do rosto dela, que apareciam abaixo de uma camada de pó de arroz.

O apartamento era grande e cheio de quadros, esculturas e lindos móveis de madeira escura. Cheirava a fumaça e a alguma outra coisa, algo que não consegui identificar. Era sempre tranquilo e pacífico durante o dia. A vida havia sido bondosa com minha empregadora, ela não precisava trabalhar;

já era rica o bastante. Não sei de onde vinha o dinheiro, mas às vezes eu criava fantasias sobre seu marido. Que ela o mantinha trancado no sótão em algum lugar.

As visitas costumavam chegar à noite. Mulheres com lindos vestidos e diamantes. Homens de terno e chapéu. Eles entravam na casa de sapato — uma prática que acho estranha até hoje — e andavam pela sala de visitas como se estivessem num restaurante. O ar se enchia de fumaça e conversas em inglês, francês e sueco.

Minhas noites no apartamento me apresentaram a ideias de que nunca tinha ouvido falar. Salários iguais para mulheres, direito à educação. Filosofia, arte e literatura. E a novas atitudes. Risadas altas, discussões furiosas e casais se beijando ostensivamente pelos cantos e beirais das janelas. Foi uma mudança e tanto.

Eu me encolhia toda quando passava pela sala recolhendo copos e enxugando vinho derramado. Saltos altos se moviam sem firmeza entre os cômodos; lantejoulas e penas de pavão caíam no chão e ficavam presas entre as largas tábuas de madeira dos corredores. Eu precisava ficar abaixada até a madrugada, usando uma faquinha de cozinha para remover os últimos vestígios das festividades. Quando a Madame acordava, tudo tinha que estar perfeito de novo. Nós trabalhávamos muito. Ela queria os caminhos de mesa recém-passados toda manhã. Os móveis tinham que estar brilhando, os copos não podiam ter nenhuma mancha. A Madame sempre dormia até tarde, mas, quando por fim saía do quarto,

andava pelo apartamento inspecionando um cômodo de cada vez. Se encontrasse alguma falha, a culpada era sempre eu, a mais nova. Logo aprendi o que ela poderia encontrar, e fazia uma última vistoria pelo apartamento antes da Madame acordar, arrumando as coisas que as outras empregadas tinham feito de errado.

As poucas horas que eu dormia no duro colchão de crina nunca eram suficientes. As costuras do meu uniforme preto irritavam minha pele, e eu sempre me sentia cansada de tanto trabalho. E da hierarquia e dos tapas. E dos homens que encostavam as mãos no meu corpo.

A caderneta de endereços vermelha

N. NILSSON, GÖSTA

EU ESTAVA ACOSTUMADA com pessoas que às vezes caíam no sono depois de beber demais. Fazia parte do meu trabalho acordá-las e encaminhá-las à saída. Mas aquele homem não estava dormindo. Estava olhando direto para a frente. As lágrimas corriam lentamente pelo seu rosto, uma a uma, e seus olhos fitavam fixamente uma poltrona onde outro homem dormia — jovem, com um halo de cachos dourados. A camisa branca do jovem estava desabotoada, mostrando uma camiseta amarelada por baixo. No peito de pele bronzeada, dava para ver uma âncora tatuada, os contornos trêmulos em tinta preta.

O homem notou minha presença.

— O senhor está chateado, eu... — Comecei a me afastar depressa.

O homem virou a cabeça, recostando o ombro no braço de couro da poltrona de forma a ficar quase atravessado nela.

— O amor é impossível — disse, enrolando a língua e fazendo sinal em direção à outra poltrona.

Tentei falar com a voz firme.

— O senhor está bêbado. Por favor, senhor, levante-se; precisa sair antes da Madame acordar. — A mão dele agarrou a minha enquanto eu lutava para me erguer.

— Você não percebe, mocinha?

— Não percebo o quê?

— Que estou sofrendo!

— Sim, dá para perceber. Se for para casa e dormir, seu sofrimento vai ficar um pouco mais leve.

— Deixe-me apenas ficar aqui apreciando essa perfeição. Deixe-me desfrutar dessa perigosa eletricidade.

As palavras dele se emaranharam quando tentei captar seu estado de espírito. Balancei a cabeça.

Foi meu primeiro encontro com aquele homem delicado, mas com certeza não seria o último. Com frequência, quando o apartamento esvaziava e o novo dia raiava sobre os telhados de Södermalm, ele continuava lá, perdido em pensamentos. O nome dele era Gösta. Gösta Nilsson. Morava na mesma rua, na Bastugatan 25.

— Pode-se pensar tão claramente à noite, jovem Doris — ele sempre me dizia quando eu pedia que fosse embora, pouco antes de sair cambaleando pela noite, de ombros caídos e cabeça baixa.

Seu chapéu nunca estava direito, e o velho paletó surrado que usava era grande demais; ligeiramente mais curto de um lado que do outro, como se tivesse as costas curvadas. Era bonito. Quase sempre bronzeado, o rosto tinha feições clássicas — nariz reto e lábios finos. Havia muita bondade em seus olhos, que normalmente se mostravam tristes. Sua centelha havia se apagado.

Somente vários meses depois percebi que ele era o pintor que a Madame venerava. Seus quadros forravam as paredes do

quarto dela, grandes telas com quadrados e triângulos de cores vivas. Nenhum tema identificável, apenas explosões de cores e formas. Quase como as de uma criança deixada à vontade com um pincel. Eu não gostava deles. Não mesmo. Mas a Madame comprava um atrás do outro. Porque o príncipe Eugênio da Suécia fazia o mesmo. E porque a modernidade surrealista tinha um poder específico que a maioria das pessoas não conseguia entender. A Madame apreciava o fato de que Gösta, como ela, era um forasteiro.

Foi a Madame quem me ensinou que as pessoas vêm em diferentes formatos. Que as expectativas dos outros a nosso respeito nem sempre estão certas. Que existem muitas rotas a escolher em uma jornada que todos fazemos em direção à morte. Que podemos nos encontrar em algumas junções difíceis, mas que a rota ainda pode endireitar. E que as curvas não são perigosas.

Gösta sempre fazia muitas perguntas.

— Você prefere vermelho ou azul?

— Para que país você viajaria se pudesse ir a qualquer lugar do mundo?

— Quantas balas de um centavo você pode comprar com uma coroa?

Depois dessa última pergunta, ele sempre me jogava uma coroa. Jogava a moeda no ar com o indicador e eu a pegava com um sorriso.

— Prometa que você vai gastar em alguma coisa doce.

Ele sabia que eu era nova. Quase uma criança ainda. Nunca tentou tocar no meu corpo do jeito que os outros homens faziam. Nunca fez comentários sobre meus lábios ou meus seios incipientes. Às vezes até me ajudava em segredo, recolhendo copos e os levando para o corredor entre a sala de jantar e a cozinha. Quando a Madame notava, depois ela me estapeava. O grande anel de ouro dela deixava marcas vermelhas nas minhas bochechas. Eu cobria as manchas com um pouco de farinha.

— OI, TIA DORIS!

O garotinho sorri e acena, agitado, tão perto da tela do computador que apenas seus olhos e a ponta dos dedos são visíveis.

— Oi, David! — Doris também acena e leva a mão à boca para soprar um beijo para ele. Naquele exato momento, a câmera oscila para o lado e o beijo dela aterrissa na mãe do garoto. Sorri quando ouve a risada de Jenny. É contagiante.

— Doris! Como está você? Como foram as coisas nesta semana? — Jenny inclina a cabeça e chega tão perto da câmera que só os olhos ficam visíveis. Doris dá risada.

— Estou bem, não se preocupe comigo. — Balança a cabeça. — As garotas vêm todos os dias para me ver. Mas chega de falar sobre esta velha dama. O que vocês andam fazendo? Como estão as crianças? Tem encontrado tempo para escrever?

— Ah, não, esta semana não. É difícil, com as crianças. Mas talvez algum dia eu consiga ter mais tempo, quando elas forem um pouco mais velhas.

— Jenny, se você continuar adiando, esse dia pode nunca chegar. Você sempre quis escrever. Não consegue me enganar. Tente arranjar algum tempo.

— É, talvez algum dia. Mas no momento os filhos são mais importantes. Veja, deixa eu mostrar uma coisa. Tyra deu os primeiros passos ontem, veja só que gracinha.

Jenny vira o computador para a filha mais nova, que está no chão, mastigando a borda de uma revista. Choraminga quando Jenny a levanta. Recusa-se a ficar de pé sozinha, desaba assim que os pés tocam o chão.

— Vamos lá, Tyra, ande, por favor. Mostre para a tia Doris. — Jenny tenta de novo, dessa vez falando em sueco. — Fique de pé, mostre para ela o que você pode fazer.

— Deixe para lá. Quando você tem essa idade, revistas são muito mais divertidas que uma velha senhora no outro lado do mundo.

Jenny solta um suspiro. Depois vai até a cozinha, com o computador nos braços.

— Você mudou a decoração?

— Mudei, eu não contei? Ficou bom, não é? — Jenny gira com o computador, fazendo a mobília se transformar num borrão de linhas. Doris segue o aposento com os olhos.

— Muito bonito. Você tem bom gosto para interiores, sempre teve.

— Ah, eu não tenho certeza disso. Willie acha que ficou verde demais.

— E o que você acha...?

— Eu gosto. Eu adoro verde-claro. É a mesma cor da cozinha da minha mãe, lembra? Naquele apartamentinho em Nova York.

— Não era em Nova York, era?

— Era, o prédio de tijolos, lembra? Aquele com a ameixeira e o jardinzinho.

— No Brooklin, você quer dizer? Sim, eu me lembro. Com uma mesa de jantar tão grande que quase não cabia na sala.

— Exatamente! Eu tinha me esquecido completamente disso. Mamãe se recusou a se livrar dela quando se divorciou daquele advogado, por isso teve que dividir em duas para caber na sala. Ficava tão perto da parede que eu tinha que encolher a barriga para me sentar num dos lados.

— Ah, é, a vida nunca era chata naquela casa. — Doris sorri com a lembrança.

— Eu queria que você viesse para o Natal.

— É, eu também. Faz tanto tempo. Mas minhas costas estão muito mal. E o meu coração. Acho que meus dias de viagens acabaram.

— Mesmo assim vou manter a esperança. Eu estou com saudade.

Jenny vira o computador para a bancada e fica de costas para Doris.

— Desculpe, mas preciso fazer um lanchinho para Tyra. — Pega pão e manteiga, levanta a filha choramingando até o quadril.

Doris espera pacientemente enquanto Jenny passa manteiga no pão.

Quando ela volta à tela, Doris pergunta:

— Você parece cansada, Jenny. Willie está ajudando em casa? — Tyra esfrega o pão no rosto, agora sentada no colo de Jenny. A manteiga se espalha pelas bochechas, ela põe a língua para fora e lambe. Jenny a segura com um braço, usando o outro para pegar um copo de água e dar um grande gole.

— Ele faz o possível. Tem muito a fazer no trabalho, sabe? Não tem muito tempo.

— E quanto a vocês, têm tempo um para o outro?

Jenny dá de ombros.

— Quase nunca. Mas está melhorando. Nós só precisamos passar por essa fase, os anos do bebê. Ele é bom, trabalha bastante. Não é fácil manter uma família sozinho.

— Peça para ele ajudar. Assim você pode descansar um pouco.

Jenny assente. Dá um beijo na cabeça de Tyra. Muda de assunto.

— Eu realmente não quero que você fique sozinha no Natal. Não tem ninguém que possa comemorar com você? — Jenny abre um sorriso.

— Não se preocupe comigo, eu já passei muitos Natais sozinha. Você já tem muito em que pensar. Eu vou ficar feliz

só de as crianças terem um bom Natal. É uma festa de criança, afinal. Deixe-me ver, já disse um alô para David e Tyra, mas onde está Jack?

— Jack! — grita Jenny, sem resposta. Gira o corpo e o pão de Tyra cai no chão. A garotinha começa a chorar.

— JACK! — Jenny está com o rosto corado. Balança a cabeça e pega o pão do chão. Sopra um pouco e o devolve a Tyra.

— Ele é incorrigível. Está lá em cima, mas... Eu simplesmente não entendo esse garoto. JACK!

— Ele está crescendo. Você se lembra de como era quando adolescente?

— Se eu me lembro? Não, de jeito nenhum. — Jenny dá risada e cobre os olhos com as mãos.

— Ah, sim, você era uma criança rebelde, era mesmo. Mas veja só como se saiu bem. Jack também vai ficar bem.

— Espero que tenha razão. Às vezes ser mãe é uma tarefa tão ingrata.

— Faz parte do pacote, Jenny. É assim mesmo.

Jenny ajeita a blusa branca, nota uma mancha de manteiga e tenta limpar.

— Poxa, minha única blusa limpa. O que eu vou vestir agora?

— Quase não dá para ver. Essa blusa fica bem em você. Você sempre está muito bonita!

— Eu nunca tenho tempo de me vestir bem ultimamente. Não sei como as vizinhas conseguem. Elas também têm filhos,

mas ainda assim parecem perfeitas. De batom, cabelos penteados, salto alto. Se eu fizesse tudo isso, ia parecer uma prostituta barata no fim do dia.

— Jenny! Você está enganada. Quando olho para você, vejo uma beleza natural. Você herdou isso da sua mãe. E ela herdou da minha irmã.

— Você é que era realmente bonita naquela época.

— Em algum momento da vida, talvez. Mas acho que nós duas deveríamos estar felizes, não é?

— Da próxima vez que eu for aí, você vai ter que me mostrar aquelas fotos de novo. Eu nunca me canso de ver você e a vovó quando eram novas.

— Se eu viver até lá.

— Não, pare com isso! Você não vai morrer. Precisa ficar aqui, minha querida Doris, precisa...

— Você já tem idade para perceber que todos nós vamos morrer algum dia, não é, meu amor? É uma coisa sobre a qual temos certeza absoluta.

— Ah. Por favor, pare com isso. Agora eu preciso desligar, Jack tem treino de futebol americano. Se você esperar, pode falar com ele quando descer. A gente se fala de novo na semana que vem. Se cuide.

Jenny põe o computador num banquinho no corredor e grita de novo chamando Jack. Dessa vez ele aparece. Com seu uniforme de futebol, os ombros da largura de uma porta. Desce a escada dois degraus de cada vez, com os olhos fixos no chão.

— Diga um oi para a tia Doris. — A voz de Jenny é firme. Jack ergue os olhos e faz um sinal com a cabeça na direção da telinha e da expressão curiosa de Doris. Ela retorna com um aceno.

— Oi, Jack, como vai?

— *Ja*, tudo bem — responde ele, numa mistura de sueco e inglês. — Mas preciso sair logo. *Hej då*, Doris!

Doris leva a mão à boca para mandar um beijo, mas Jenny já desligou.

A luminosa tarde de São Francisco, cheia de conversas e risadas e gritos de crianças é substituída por sombras e solidão.

E silêncio.

Doris desliga o computador. Aperta os olhos para olhar o relógio em cima do sofá, o pêndulo balançando de um lado para outro, com seu tique-taque abafado. Sincronizada com o pêndulo, Doris se balança para a frente e para trás na cadeira. Não consegue se levantar, e continua onde está para reunir forças. Apoia as duas mãos na beira da mesa e se prepara para uma nova tentativa. Dessa vez as pernas obedecem e ela dá alguns passos. Naquele momento, ouve a porta da frente se abrir.

— Ah, Doris, está fazendo exercícios? Que bom. Mas está tão escuro aqui dentro!

A cuidadora entra logo no apartamento. Acende todas as luzes, recolhe objetos, faz barulho, fala alto. Doris arrasta os pés até a cozinha e se senta na cadeira mais próxima da janela.

Organiza suas coisas devagar. Mexe em tudo de forma que o saleiro acabe ficando atrás do telefone.